

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

**A Licenciatura em Educação do Campo nas Encostas da
Serra Geral Catarinense: um percurso formativo de jovens
do/no campo**

Duany Caroline Back

FLORIANÓPOLIS/ SANTA ROSA DE LIMA,
2016

DUANY CAROLINE BACK

A Licenciatura em Educação do Campo nas Encostas da Serra Geral Catarinense: um percurso formativo de jovens do/no campo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC) como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Beatriz Bittencourt Collere Hanff

FLORIANÓPOLIS/ SANTA ROSA DE LIMA
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Back, Duany Caroline

A Licenciatura em Educação do Campo nas Encostas da Serra Geral Catarinense : um percurso formativo de jovens do/no campo / Duany Caroline Back ; orientadora, Prof^a. Dr^a Beatriz Bittencourt Collere Hanff - Florianópolis, SC, 2016.

72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Graduação em Educação do Campo.

Inclui referências

1. Educação do Campo. 2. Formação de professores. 3. Licenciatura. 4. Juventude do campo. I. Hanff, Prof^a. Dr^a Beatriz Bittencourt Collere . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do Campo. III. Título.

Duany Caroline Back

**A Licenciatura em Educação do Campo nas Encostas
da Serra Geral Catarinense – um percurso formativo de
jovens do/no campo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciado em Educação do Campo”, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 15 de julho de 2016.

Coordenadora do Curso
Professora Néli Suzana Quadros Britto, Dra.

Orientadora
Prof^a Beatriz Bittencourt Collere Hanff
Universidade Federal de Santa Catarina

Examinadora
Prof^a Gabriela Furlan Carcaioli
Universidade Federal de Santa Catarina

Examinadora
Prof^a Marisa Stragliotto
Universidade Federal de Santa Catarina

DEDICATÓRIA

Aos meus pais.

Dedico totalmente a eles essa etapa, que vai sendo concluída, da minha vida.

Foram eles que me incentivaram e apoiaram quando mais precisei, não me deixando desistir. São as pessoas com as quais aprendi o valor de uma família e do amor. Que me ensinaram como se tornar um ser humano melhor. Que me instruíram que ter fé e amor durante a vida faz com que a caminhada seja mais tranquila e mais leve. E, também, que unidos sempre seremos mais fortes.

Para eles, que são um dos motivos mais importantes para que eu continue lutando todos os dias. É por eles e com eles que a vida vai seguindo.

Hoje, em especial, à memória de meu pai, que partiu tão cedo, deixando uma imensidão de saudade em minha vida. Ele, que foi professor, junto a Deus, nesse momento, estará cheio de orgulho por mais essa conquista na minha vida.

Por mais que o tempo passe, sempre serei a menina do meu pai, do meu guerreiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado uma família maravilhosa que sempre me apoiou e incentivou.

A meu pai Pedro (em memória), minha mãe Alsira e meu irmão Thiago, pela paciência, compreensão e carinho que tiveram a todo momento.

À minha querida orientadora Professora Beatriz (Bia) Hanff, pela atenção, carinho durante a realização do TCC e também nesses quatro anos de curso, sempre tão amiga, com sábias palavras. Sou grata, ainda, aos demais professores do curso que compartilharam conhecimento e nos acompanharam ao decorrer do curso.

Ao professor Wilson (Feijão) Schmidt, pelo carinho que sempre teve comigo durante esses quatro anos, me incentivando e ajudando a me constituir uma pessoa melhor. Especialmente, nesses últimos meses de TCC, quando me auxiliou com dedicação para que esse exercício acadêmico fosse concluído.

Sou grata, da mesma forma, ao meu namorado Ricardo, que esteve sempre ao meu lado, me motivando e apoiando. Tanto nos momentos difíceis de insegurança e ansiedade, quanto nas horas boas, quando ríamos juntos.

Minha gratidão, ainda, aos meus colegas de turma, pelos bons momentos vivenciados durante estes quatro anos, pelas risadas, as angústias e os medos que foram divididos. Um destaque àqueles que me deram uma contribuição essencial ao TCC, respondendo, pronta e diretamente, as entrevistas da pesquisa.

A todos, meu muito obrigado.

“Dificuldades preparam pessoas comuns para destinos extraordinários”. (C.S Lewis).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a influência do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina (EduCampo UFSC) nas oportunidades de acesso ao ensino superior e nas perspectivas de vida e trabalho para jovens de um pequeno município rural, Santa Rosa de Lima, em Santa Catarina. O desafio deste trabalho foi o de buscar, através de pesquisa fundamentada, indicar como os Cursos de Licenciatura em Educação no Campo podem se constituir em um instrumento de mudança da qualificação do homem do campo. A pesquisa foi realizada com base nos depoimentos de quatro estudantes de uma das turmas do curso, escolhidos entre os vinte e três estudantes concluintes do curso. Buscou-se compreender como ocorreu a chegada da EduCampo UFSC município e como se deu a inserção desses jovens no curso. No decorrer da pesquisa, foi possível evidenciar a evolução de cada jovem, tanto na aquisição de conhecimentos, quanto no amadurecimento pessoal. A pesquisa apontou que grande parte dos jovens optou pelo curso por ele ser oferecido no município em que residem e por ser uma ótima oportunidade. A formação e a habilitação ligadas ao curso foram conhecidas mais tarde. Outro ponto de reflexão é se a docência será ou não seguida pelos egressos do curso. Os resultados indicam que ser professor está presente na perspectiva de poucos jovens. Em sua maioria, eles pretendem usar os conhecimentos que obtiveram na universidade para aprimorar e desenvolver suas propriedades familiares.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Formação de professores; Licenciatura, Juventude do campo;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 -	23
A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CHEGA AO CAMPO	23
1.1 IMPLANTAÇÃO NA UFSC.....	27
1.2 AS PRIMEIRAS TURMAS E A INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAMPO UFSC	29
1.3 A ESCOLHA DE SANTA ROSA DE LIMA PARA SEDE DA QUARTA TURMA DO CURSO	32
1.4 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO	33
1.5 OS SUJEITOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SANTA ROSA DE LIMA: COMPOSIÇÃO DA TURMA, ORIGEM E PERFIL DOS ESTUDANTES	36
CAPÍTULO 2 -	39
DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE	39
2.1 OS DEPOENTES	39
2.2 A GARANTIA DE ACESSO E PERMANÊNCIA	42
2.3 A FORMAÇÃO CRÍTICA NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	51
2.4 A FORMAÇÃO DOCENTE	56
2.5 A ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA E A REALIDADE	58
2.6 O VÍNCULO COM O MUNICÍPIO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	67
ANEXO 1 - _QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS COM ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO	71

INTRODUÇÃO

A educação brasileira sempre apresentou os mais variados tipos de problemas: evasão, repetência, currículos inadequados à realidade em que o educando vive, entre outros. Estes problemas, em se tratando de áreas rurais, tendem a ser sempre maiores. Ou pelo menos tendiam. A defasagem entre o currículo escolar e a realidade dos educandos do meio rural foi, por muito tempo, mais significativa do que aquela para os educandos das grandes cidades.

Para a elite brasileira, no passado, pouco importava a escolarização do homem do campo, uma vez que, para ela, para realizar as “simples” tarefas agrícolas não se precisava sequer ler e escrever. O homem do campo nesse longo período de tempo ficou excluído e discriminado, pois necessitava, além do conhecimento das ciências a que todos têm direito, de um currículo que abrangesse a realidade em que viviam para que, desta forma, pudessem aprimorar as técnicas agrícolas inerentes ao seu dia a dia e assim desenvolver suas unidades de produção.

Esta ideia de que os moradores do campo têm direito a uma educação diferenciada foi reconhecida há pouco tempo, e começou a ganhar espaço em função das reivindicações, principalmente dos movimentos sociais organizados no campo. Algumas dessas reivindicações se materializam durante o “Governo Lula” e ganham foro legal, quando da instituição, pelo Conselho Nacional de Educação, das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Sob tais diretrizes, busca-se compreender as necessidades culturais e conseqüentemente a necessidade dessa formação diferenciada, através de uma educação de qualidade, respeitando o modo de viver, de agir e também de produzir dessas pessoas que vivem e/ou se relacionam com o campo. (COSTA, 2012, p. 48)

O presente trabalho tem como objetivo central incorporar resultados de pesquisa à reflexão sobre a importância e a eficácia de um fenômeno social e educacional - a¹ Educação do

¹ Educação no campo: o ensino é no meio rural permitindo que os jovens continuem atuando em suas propriedades. Educação do campo: ensino diferenciado que estimule a valorização dos conhecimentos do

Campo, que vem se construindo e consolidando, principalmente nas últimas duas décadas, no Brasil. A escolha do tema deriva de um conjunto de inquietações da autora desde que iniciou o curso. O que é realmente a Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo)? Quais perspectivas e oportunidades surgem com a implantação desta proposta de formação docente? Há clareza por parte dos estudantes sobre que tipo de formação é ofertada e quais os objetivos dela?

Tais perguntas ganham importância quando um curso universitário público e gratuito vai até o meio rural, oferecer ensino superior ao jovem do campo, geralmente marginalizado do acesso ao nível superior, devido ao trabalho e aos custos de uma “faculdade”.

Outras questões derivam das perguntas norteadoras da pesquisa como: Os jovens que residem e trabalham em áreas rurais/do campo e que cursam a Licenciatura em Educação do Campo buscam, realmente, obter formação profissional para atuar como professor? Ou, visam uma formação superior e continuar atuando como produtores rurais? Outras perguntas também são importantes: qual o perfil de estudantes a ser buscado pelo curso e para o curso? Que curso é esse de uma universidade pública, com perfil diferenciado, e pensado para o campo? Esse curso traz benefícios para esses jovens? Mudou suas perspectivas de vida? Quais as dificuldades encontradas?

O desafio deste trabalho é buscar, através de pesquisa fundamentada, indicar como os Cursos de Licenciatura em Educação no Campo podem se constituir em um instrumento de mudança da qualificação do homem do campo. Além disso, refletir se esta proposta representa uma oportunidade para que jovens estudantes “do interior” do Brasil possam qualificar-se no sentido de desenvolver suas unidades familiares de produção, melhorar a qualidade de vida de suas famílias, desenvolver suas localidades e seus municípios. Municípios nos quais, destaque-se, a falta de perspectivas de geração de renda e de trabalho, aliada a técnicas inapropriadas, vêm contribuindo para a saída de jovens em direção a grandes cidades.

Sublinhe-se que a autora é jovem e moradora do campo, no município de Anitápolis. Durante os quatro anos em que

curso a EduCampo, percorreu, de moto, o trajeto de 40 quilômetros que liga Santa Rosa de Lima – sede da EduCampo - e sua residência. Quando ingressou na Licenciatura em Educação do Campo não sabia o foco dela, mas considerou rara a oportunidade de um curso superior público e gratuito que vai até o meio rural para o jovem do campo, que, muitas vezes, não tem a oportunidade de acesso a esse nível de ensino, seja devido ao trabalho, seja devido aos custos das “faculdades” privadas. Nesse sentido, buscar responder a essas perguntas – e a outras questões que foram surgindo ao decorrer desses quase quatro anos de curso, no decorrer das aulas e da prática de sua proposta de trabalho – é o desafio proposto nesse exercício acadêmico. Muitas vezes vinha à cabeça da autora a pergunta: o que estou fazendo aqui? Com o passar do tempo, observou-se como o currículo tenta ser articulado com o meio onde se está inserido.

Considerou-se, também, que a Licenciatura em Educação do Campo vai sendo constituída a partir das lutas dos movimentos sociais em busca de uma educação do campo. Nesta perspectiva aparece como uma iniciativa para reconhecer ainda mais o homem do campo e seus conhecimentos, contribuindo também para a permanência de jovens no meio rural, formando e capacitando pessoas. No entanto, a partir do envolvimento que foi sendo construído com a EduCampo UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), durante esse período, muitas perguntas/inquietações foram surgindo. Como seria possível essa aproximação tão forte da universidade com o meio rural? Será que era isso mesmo que esses jovens queriam para seu futuro? Como resultado, o objetivo da pesquisa para o trabalho de conclusão do curso passou a ser compreender se os jovens da turma das Encostas da Serra Geral optaram pelo curso por ela proporcionar a formação para a docência, por ela tornar possível a formação superior (ou, o acesso ao “diploma”, que traz reconhecimento social), ou por ela oferecer uma ampliação da visão sobre o mundo.

No primeiro momento, foi preciso buscar artigos que explicassem como a Licenciatura em Educação do Campo foi instituída no Brasil. Autores como Costa (2012), Silva (2008), Alencar (2010) e Oliveira (2010) foram alguns dos que contribuíram para entender aspectos envolvidos nessa iniciativa diferenciada. Documentos de memória escritos pelo professor

Antônio Munarim contribuíram muito, especialmente quando associados à leitura de legislações e normas concernentes à Educação do Campo.

Após entender melhor o contexto da Educação do Campo e da Licenciatura em Educação do Campo no país, a opção foi conhecer mais de perto as origens da EduCampo UFSC. Inicialmente, forma importantes, de novo, documentos de memória produzidos pelo professor Antônio Munarim e o próprio Projeto Político Pedagógico do curso. Em seguida, foram realizadas entrevistas, por correio eletrônico, com o Professor Wilson (Feijão) Schmidt, coordenador da turma Encostas da Serra Geral nos dois primeiros anos, para que explicasse como aconteceu a implementação dessa quarta turma da EduCampo em Santa Rosa de Lima. Outra entrevista realizada foi com a primeira coordenadora do curso, Professora Beatriz (Bia) Hanff, buscando compreender como foram feitos os processos de constituição das turmas. O segundo momento da pesquisa constituiu-se de conversas informais com todos os estudantes da turma que permaneceram no curso.

Dos vinte e três educandos foram selecionados quatro depoentes que pudessem representar, de certo modo, a diversidade dos sujeitos do campo presentes no curso de licenciatura em Educação do Campo – turma de Santa Rosa de Lima. Além dessa representação indicou-se aqueles que de certa forma pudessem se caracterizar como “narradores”.

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (...) mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p.201-205)

Dois dos selecionados são jovens que, ao final do curso, pretendem trabalhar como professores. Os outros dois que desejam usar os conhecimentos adquiridos no curso em sua atuação nas unidades familiares de produção, pelo menos no primeiro momento.

Foram realizadas entrevistas diretas e presenciais no período de maio a junho de 2016, todas gravadas com autorização dos depoentes. Gravar as entrevistas possibilitou que elas fossem transcritas e melhor analisadas.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma. Além da presente introdução, no primeiro capítulo apresenta-se como a proposta de Educação do Campo surge no país, como se dá a implantação da EduCampo UFSC, em seguida, o projeto de interiorização em Santa Rosa de Lima, e, finalmente, põe-se à vista do leitor um panorama dos perfis dos estudantes que compõem a turma das Encostas da Serra Geral – Santa Rosa de Lima.. Em sequência, no segundo capítulo, da-se destaque ao processo de escolha dos quatro entrevistados e seus perfis e a análise dessas entrevistas relacionando-as com as referências bibliográficas concernentes. O último momento é composto das considerações finais.

CAPÍTULO 1 - A LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CHEGA AO CAMPO

É evidente que as mudanças e avanços que vão ocorrendo na educação, ao longo dos anos, estão diretamente ligados à questão econômica e ao capitalismo. Em 1930, mesmo o Brasil sendo predominantemente agrícola, o modelo de educação que se estabelecia permitia – e visava – que só os filhos dos grandes latifundiários tivessem acesso e direito a ela. (SILVA. 2008, p. 3) Com o passar dos anos, o modelo de agricultura passa a ser o “industrial”, tornando a educação algo a ser pensado para o meio rural, para que agricultores e trabalhadores conseguissem lidar com máquinas, equipamentos e insumos provenientes da indústria fornecedora. Lembrando que essa educação não precisaria ser de qualidade, já que as pessoas do campo apenas teriam que saber o básico para entender o funcionamento dos equipamentos. (SILVA. 2008, p 3-4)

Falar da educação escolar no campo é sempre um grande desafio, na medida em que a educação escolar no meio urbano tem recebido a maior parte da atenção da pesquisa em educação e em que são relativamente recentes as iniciativas de formação de professores nos marcos do conceito de educação do campo (BRASIL, 2003). Educação já é algo complexo, visto que ela não é pensada como eixo para a construção de um país melhor em todos os âmbitos. Pensar Educação do Campo se constitui, assim, em um desafio já que o modelo educacional pensado, é, na maior parte das vezes, urbanocêntrico, no qual o povo do campo é visto como precisando apenas aprender a trabalhar, a reproduzir as relações de trabalhador explorado. Mostrar que o campo merece e precisa de um modelo diferenciado de educação é ainda um dos grandes desafios das políticas educacionais, para que seja garantida [...] a ampliação do acesso, da permanência e do direito à escola pública de qualidade no campo; além de respeitar o conhecimento, a

cultura, os saberes e o modo de produção do ambiente. (ALENCAR, 2010, p.208)

A Educação do Campo começa a fazer parte da discussão nacional no final da década de 1990, precisamente em 1998, quando foi realizada a I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, em Goiás. Tal evento se dá a partir da mobilização social, das lutas para o desenvolvimento de uma educação pensada para o povo do campo. Uma melhor compreensão sobre a educação para as áreas rurais, vista pelo governo, vem em decorrência da insistência dos movimentos sociais nessa busca por uma educação pensada e que valorize o campo. (ALENCAR, 2010 p. 208). A partir da mobilização social, das lutas para o desenvolvimento igualitário de todo o povo brasileiro, fazendo possível uma educação de qualidade e acesso a todos, o movimento de Educação do Campo busca, como uma de suas linhas de ação, a Licenciatura em Educação do Campo, para melhor qualificar professores para o meio rural, profissionais que consigam ser críticos perante a sociedade e valorizem o meio rural e seus conhecimentos variados. Tal proposição passa por algumas modificações, até sua estruturação final, que acontece em 2006.

Na relação rural/urbano predomina uma perspectiva preconceituosa, segundo a qual quem reside no meio rural estaria submisso aos que vivem no meio urbano. Em contraponto, tratamos do modo igualitário os dois espaços de vida e, por consequência, os conteúdos trabalhados com os estudantes. Oliveira (2010) trata bem dessa questão ao afirmar que a educação é parte da sociedade e a reproduz como tal. Assim, tanto a educação do campo quanto a urbana devem ser pensadas olhando a realidade local, do entorno da escola.

Historicamente, há uma tendência dominante no país de considerar o campo como lugar de atraso, e os sujeitos do campo como sujeitos em extinção. De acordo com Fernandes, Cerioli e Caldart (2011) um campo excluído do projeto de desenvolvimento e de modernidade da sociedade não teria necessidade de políticas públicas específicas, por isso a necessidade de uma nova visão do campo. (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2011, p. 27). Com o avanço tecnológico na agricultura, contudo essa questão começou a ser vista com outros olhos pelos ricos fazendeiros e pelo governo. Pois como

modernizar a agricultura se os moradores do campo não sabem lidar com ela? A educação pensada para suprir essa nova necessidade – consequência da industrialização da agricultura – foi a mesma proposta para a cidade. Em momento algum se buscou a aproximação dos currículos com os conhecimentos locais para compor as aulas e enriquecer os conteúdos a serem trabalhados. Como assinala ARROYO (1999, p. 24), não se ultrapassou a “barreira da adaptação”.

As políticas educacionais, os currículos são pensados para a cidade, para a produção industrial urbana, e apenas lembram do campo quando lembram de situações “anormais”, das minorias, e recomendam adaptar as propostas, a escola, os currículos, os calendários a essas “anormalidades.

Em se tratando de políticas públicas para a educação, pensava-se que o problema a ser resolvido para a educação das populações rurais era apenas da localização geográfica das escolas e da baixa densidade populacional nessas regiões. O então chamado ensino rural era algo que causava incalculáveis gastos para o governo, pois além da escola ser distante das casas, o número de alunos era reduzido. A melhor maneira para resolver esse problema seria, então, a nucleação, distanciando ainda mais os jovens do meio rural. (SILVA, 2008, p.4) Afirma-se ainda que existia (e ainda existe) certo preconceito, pois o agricultor ou homem do campo brasileiro tem um histórico de direitos trabalhistas e sociais negados, herança do modelo escravocrata e de exploração a esses trabalhadores pelos grandes proprietários de terras.

Hoje em dia, após todos os movimentos que aconteceram no campo, a Educação do Campo começa a ser olhada como outra perspectiva. Um destaque é o olhar para as juventudes do campo e sua possível opção pela permanência no campo.

Desta forma, sob a abordagem da Educação do Campo fica óbvio o descaso com que os governantes – ou seja, as elites brasileiras - trataram, historicamente, a educação voltada aos povos do campo, chamada “educação rural”. Na prática, neste início de século XXI, nos movimentos e organizações sociais e na academia científica, a educação do e no campo está se contrapondo ao modelo tecnocrata e urbano de educação, pois o

modelo atual só prepara os cidadãos para o trabalho, sem se preocupar com a cidadania, habitação, cultura e formação étnico social. Sublinhe-se que, com base no Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, são considerados como população do campo “os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural”. (BRASIL, 2010). Neste sentido, PINHEIRO (2011) afirma que,

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]”.

Neste quadro, deve-se pensar nas oportunidades a serem ofertadas aos jovens no campo, e debater mais sobre Educação do Campo. Uma alternativa promissora seria uma escola do campo e no campo, que não afastaria o jovem de sua vida e de sua unidade familiar de produção, proporcionando estudos voltados à realidade local, de modo a garantir maior formação no próprio – e sobre o – ambiente rural. Essa educação diferenciada tende a estimular a opção dos jovens pela permanência no campo e a atuação deles para transformar suas unidades de produção, suas localidades, seus municípios, a sociedade em que vivem.

Este TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) trata da formação de professores em Educação do Campo. Optar por ser professor, no atual contexto de desvalorização desses profissionais, é um desafio e um ato de coragem de quem ainda acredita que a educação continua sendo a melhor maneira de construir um Brasil melhor e mais justo. Optar por ser um professor do campo vem a ser um desafio ainda maior, uma vez

o país continua vendo o meio rural como lugar de atraso e de esvaziamento populacional, onde não valeria a pena investir na Educação Básica e, muito menos, no Ensino Superior. E não estamos falando do século passado, mas sim do século XXI, ano de 2016, quando a educação permanece esquecida como alicerce. E não ela por si só, mas de como é levada até os alunos. Ou seja, que tipo de profissionais (professores) está sendo ofertado para as crianças e jovens. (BRASIL, 2003).

As relevantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas o desenvolvimento tecnológico e o aprimoramento de novas maneiras de pensamento sobre o saber e sobre o processo pedagógico, têm refletido principalmente nas ações dos alunos no contexto escolar. Isso tem se tornado ponto de dificuldade e insegurança entre professores e agentes escolares, resultando no comprometimento do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário a busca de uma nova reflexão no processo educativo, na qual o agente escolar passe a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas como um instrumento de enfoque motivador desse processo. (COSTA, 2012, p. 145)

O processo educacional sempre foi alvo de constantes discussões e apontamentos que motivaram sua evolução em vários aspectos, principalmente no que tange a condução de metodologias de ensino por nossos educadores e a valorização do contexto escolar formador para nossos alunos. GADOTTI (2000, p.8), tratando do assunto, afirma que, seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, “uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social [...]”.

1.1 IMPLANTAÇÃO NA UFSC

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (de 2009) da (EduCampo) da UFSC, os cursos de Licenciatura em Educação do Campo existem, em âmbito nacional, desde 2006, sendo que,

hoje, são mais de quarenta cursos em andamento. As primeiras turmas surgem em nível nacional, como projetos pilotos. Tiveram início, em 2007, na Universidade de Brasília (UnB) - começando o curso em convênio com o ITERRA – e na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). (MUNARIM, 2015, p.1). Também iniciaram, com projetos piloto as Universidades Federais da Bahia e de Sergipe. Segundo Molina e Freitas (2011), as experiências dos Cursos de Pedagogia da Terra foram precursores do curso de Licenciatura em Educação do Campo na formação de professores.

Após a experiência de dezenas de cursos de Pedagogia da Terra, efetuadas pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), o Movimento da Educação do Campo conquistou finalmente uma política específica com o objetivo de formar educadores do próprio campo. Essa política foi materializada no Programa de Apoio às Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), vinculado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do Ministério da Educação. (MOLINA, FREITAS, 2011, p.28)

Na Universidade Federal de Santa Catarina, a Licenciatura em Educação do Campo foi implantado, diferente dos anteriores, como curso regular, dentro do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), contando ainda como apoio do Edital n. 2, de 23 de abril de 2008, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC). A EduCampo UFSC forma professores na área de Ciências da Natureza e Matemática, para atuar nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.

Precursor no papel principal na luta da Educação do Campo dentro da Universidade Federal de Santa Catarina destacamos o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera) e os cursos de especialização a ele ligados. Já em 2008, o Fórum Catarinense de Educação do Campo (FOCEC) foi responsável por fomentar a necessidade de implantação de mais uma frente de trabalho na educação do campo – o Curso de Licenciatura visando à formação de professores. Os professores Antônio Munarim, Beatriz Hanff e

Wilson Schmidt fizeram parte da construção do Projeto Político Pedagógico da EduCampo e da busca pela implantação do curso na UFSC, propugnando por sua qualidade e para que as normas exigidas pelo MEC, como consequência da ação do Movimento Nacional pela Educação do Campo, fossem cumpridas. Desde o início, foram sentidas as dificuldades de um curso que pensassem inserir o jovem do campo na universidade estar situado em uma cidade como Florianópolis, urbana e litorânea.

1.2 AS PRIMEIRAS TURMAS E A INTERIORIZAÇÃO DA EDUCAMPO UFSC

A primeira turma da EduCampo UFSC foi ofertada, via vestibular unificado da UFSC, em 2009. Como consequência, foi composta uma turma com poucos estudantes e com participação minoritária de sujeitos do campo. Além das dificuldades para o preenchimento das vagas, foram geradas complicações operacionais, em função da clara necessidade de realização das atividades dos Tempos Comunidade, por todos os estudantes, em municípios rurais (SCHMIDT, 2016). Segundo a primeira Coordenadora do Curso, a primeira turma passou por vestibular geral, juntamente com mais três cursos da UFSC. Dos nove estudantes aprovados, apenas dois compareceram para a matrícula. (HANFF, 2016). Os candidatos

fizeram o processo seletivo apenas por experiência, não apresentavam perfil para o curso, desconheciam sua finalidade e não se apresentaram no início do ano letivo. Foram chamados mais 11 candidatos, que haviam ficado abaixo da nota de corte. Destes, apenas um era originário do campo. (HANFF, 2016).

Então, a partir do Fórum Catarinense de Educação do Campo (Focec) foram contatadas organizações sindicais e movimentos sociais, para que eles mobilizassem pessoas com interesse na licenciatura. Elas precisavam estar matriculados em outro curso da UFSC (o que permitiria transferência interna) em situação de abandono ou graduados na UFSC (o que permitiria o “retorno”), ou, ainda, matriculados em outra instituição de ensino superior (o que permitiria a transferência externa). Deste modo,

até o segundo semestre do curso, mais onze candidatos adentraram ao curso. (HANFF, 2016)

Já a segunda turma, que, em função da experiência anterior pode contar com processo seletivo específico, foi composta em 50% com estudantes oriundos do campo e os demais, com “interessados”, mas sem origem no campo. (HANFF, 2016),

Os 50% originários do campo provinham de municípios espalhados por toda Santa Catarina. Isto é, das regiões Norte, Sul, Centro-oeste, Litoral... o que dificultou o acompanhamento realizado durante os tempos comunidade pelos professores e exigiu que os estudantes permanecessem nos Tempos universidade por períodos mais longos. Isso, por um lado, afastava os estudantes de suas áreas de origem. E, por outro, dificultava a continuidade daqueles que exerciam atividade como professor. Dos mais de 20 estudantes da primeira turma, nove concluíram o curso. Já na segunda turma, dos 40 estudantes restaram ao final cerca de dezesseis.” (HANFF, 2016)

Em dezembro de 2010 foi realizado o I Seminário de Avaliação da Implantação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC. Ele foi efetuado em espaço externo à UFSC e tinha a finalidade de concentrar as discussões entre os professores sobre a constituição das turmas seguintes do curso, além da busca por estratégias que permitissem o acesso e possibilitassem a permanência na EduCampo. (HANFF, 2016) Desse seminário surgiu a ideia de constituir turmas que fossem interiorizadas, buscando assim alcançar os sujeitos do campo. Seriam os professores que passariam a se deslocar para ministrar as aulas em um município referência para o território. Da mesma forma, os tempos comunidades seriam realizados nos municípios que compõem o mesmo território. (SCHMIDT, 2016) O mesmo entrevistado lembra que a proposta era de um curso itinerante –ou, “mambembe”, como foi chamado à época – que passaria por diversas das principais regiões rurais do estado. Relata também que essa ideia diferenciada foi bem aceita pela então Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade (Secad) do MEC e contou, também, com o apoio da reitoria da UFSC, passando o curso a ser pensado de forma “mambembe”, definindo-se que se abriria uma turma a cada ano.

Novamente SCHMIDT (2016) recorda as articulações feitas para a definição dos locais onde seriam implantadas as turmas. Para a constituição da turma 3, foi determinante a aproximação com o município de Canoinhas e, por extensão, com o território Planalto Norte Catarinense. Pontos fortes para essa definição foram a demanda exposta pela Secretária de Educação de Canoinhas por cursos de formação para os professores do município e região, o compromisso demonstrado com os educandos que participaram das primeiras turmas, o reconhecimento e o efeito irradiador na região que tinha e tem o Plano Municipal de Educação de Canoinhas e a forte presença da agricultura familiar no território, dentre outros. O ponto decisivo para a implantação foi o acordo feito com o Instituto Federal de Santa Catarina, que tem um campus em Canoinhas.

Já para a composição da turma 4, o principal foco foi o Território das Encostas da Serra Geral.

[...] tendo como ponto de entrada e referência o contato com a administração municipal de Santa Rosa de Lima e com organizações da sociedade civil ligadas à produção orgânica, ao agroturismo e, de forma mais geral, à cooperação. De novo, pesaram as características do território, com uma forte presença da agricultura familiar e de interessantes trabalhos com juventude rural. (SCHMIDT, 2016)

O que pode ser observado é que nessas turmas interiorizadas conseguiu-se maior número de estudantes para as compor. Esses estudantes eram originários do campo e, da forma como foram sendo organizadas as turmas, foi possibilitada aos estudantes a manutenção dos vínculos com as unidades familiares de produção onde vivem e trabalham, com suas localidades, municípios e região.

1.3 A ESCOLHA DE SANTA ROSA DE LIMA PARA SEDE DA QUARTA TURMA DO CURSO

Santa Rosa de Lima, município pequeno localizado no território das Encostas da Serra Geral, tem uma população de 2064 habitantes (IBGE, 2010) e a agricultura familiar em pequenas propriedades é a principal atividade econômica do município.

A colonização da área que hoje corresponde ao município aconteceu desde 1905. Relatos de moradores antigos dão conta de conflitos dos imigrantes de origem europeia com as populações indígenas que ali já residiam. Aos poucos esses índios foram sendo “empurrados” para fora do território e, mesmo, mortos pelos bugreiros, homens contratados pelo governo para exterminar o povo indígena. Aos poucos, chegam mais famílias de alemães para a colônia, que constroem suas casas, uma pequena igreja e se dedicam à produção agrícola, inicialmente voltada à própria colônia.

Atualmente, o município tem como uma de suas principais atividades econômicas o agroturismo e a produção de alimentos orgânicos, que são conhecidos no âmbito nacional e internacional. A Acolhida na Colônia e a Agreco (Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) que efetuam trabalhos ligados ao desenvolvimento rural e à permanência no campo de maneira a preservar o meio ambiente, são instituições que ajudaram a dar uma visibilidade maior a Santa Rosa de Lima, sendo o município conhecido como a “Capital da agroecologia”.

A vinda da EduCampo para o município teve a contribuição direta de pessoas que acreditavam nessa oportunidade para os jovens do campo e que ficaram encarregadas de buscar condições para a implantação do curso. Dentre elas podemos citar um professor da Universidade Federal de Santa Catarina originário de Santa Rosa de Lima e, então, diretor do Centro de Ciências da Educação, o prefeito em exercício naquele ano, membros da Agreco e de outras entidades. Como agroecologia é uma das linhas de fundamentação e trabalho da formação em Educação do Campo, houve o esforço dessas lideranças para a implantação da turma em Santa Rosa de Lima. É importante lembrar que já existiam alguns projetos de pesquisa e de extensão da UFSC sendo realizados no município, justamente na

perspectiva do desenvolvimento sustentável e solidário das Encostas da Serra Geral. Destaque-se que o interesse e o compromisso da administração pública municipal em colaborar para a instalação e o funcionamento da turma 4 no período de quatro anos, especialmente no que se referia a adequação e manutenção do espaço físico, foram determinantes para a escolha.

1.4 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

O curso, conforme o Projeto Político Pedagógico tem por objetivo a formação do sujeito do campo

(...) como Professor, entendido como o profissional que poderá atuar em escolas nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. (...) Na gestão de processos educativos escolares da Educação Básica, para a construção do projeto político-pedagógico e para a organização do trabalho escolar e pedagógico nas escolas do campo. (...) Na gestão dos processos educativos nas comunidades preparando especificamente o trabalho formativo, organizando coletivamente com as famílias e ou com grupos sociais de origem, para a implantação de iniciativas e ou projetos de desenvolvimento comunitário sustentável, que incluam a participação da escola. (UFSC, 2009 p.4.)

A oferta do curso ocorre na modalidade presencial, tem duração de quatro anos (8 semestres), tendo por princípio norteador a Pedagogia da Alternância que compreende articuladamente o Tempo Comunidade (TC) e o Tempo Universidade (TU). No período de TU, os estudantes participam de atividades curriculares presenciais, cursam as matérias obrigatórias, complementares e optativas, e nos TC eles desenvolvem atividades nas suas comunidades, seja de diagnóstico do município ou da escola, sejam estágios em sala de aula ou projetos comunitários de integração escola/comunidade, conforme cada etapa do curso.

Busca-se com esse processo educativo diferenciado, articular a experiência de trabalho e de vida do estudante no seio da comunidade/município onde reside com a experiência de formação universitária que está construindo. (UFSC,2009, p. 6)

Segundo a coordenadora do curso no período de implantação da Turma 4, em Santa Rosa de Lima o período para as alternâncias de TU e TC foi discutido com as organizações locais e os turnos para as aulas definidos pelos estudantes que ingressaram via vestibular. Deste modo, as aulas presenciais ocorriam a cada 15 dias, nos períodos vespertino e noturno. Essa alternância – semana sim e semana não – e as manhãs livres foram escolhidos de modo a permitir que cada jovem pudesse, nas semanas de TU, ter o turno matutino e, nos TC, alguns dias ou períodos para continuar trabalhando na unidade familiar de produção, ou em outra atividade. (HANFF, 2016)

No primeiro ano do curso, as atividades têm como “eixo integrador”, tanto no TU quanto no TC, a investigação da realidade local, fazendo com que os estudantes consigam melhor compreender o local onde vivem ou onde vão estagiar nos próximos anos. No segundo ano o foco se volta para o estudo da escola do campo, tentando entender como a mesma funciona, lendo seu PPP, observando seu funcionamento. Nos dois últimos anos do curso o TC se constitui em Estágios Supervisionados nas escolas do/no campo para atuação docente na Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) na área de Ciências da Natureza (Biologia, Química, Física) e Matemática. (UFSC, 2009, p. 7).

O curso está estruturado em três eixos: Ecossistema, Fundamentos da Ciência, Agroecologia (UFSC, 2009, p.7). Além dos conhecimentos de ciências da natureza e matemática os estudantes avançam no estudo dos elementos que constituem o campo no Brasil, seus sujeitos, valores, costumes, práticas sociais e produtivas dos sujeitos do campo e da agricultura familiar. Na relação com os saberes trazidos pelos estudantes, suas memórias, seu território, o que sabe a respeito de cada elemento que ali existe formando um profissional crítico criativo e que saiba passar isso aos seus alunos. (UFSC, 2009, p.4) As disciplinas que compõe o primeiro ano do curso são mais ligadas às questões do campo. Estão presentes no currículo as

disciplinas de Sujeitos do Campo; Políticas Públicas e Educação do Campo, Infância e Juventude do campo, Campo e Migrações etc. e duas disciplinas relacionadas à área de Ciências da Natureza e Matemática (CNM), quais sejam, Ciclos Biogeoquímicos – que mais tarde deu lugar a Fundamentos de Física, Química, Biologia e Matemática – e Saberes e Fazeres. No segundo ano do curso, as disciplinas são mais ligadas à escola: Cultura escolar e processos educativos, Pesquisa e Teorias da Educação. Além de manter disciplinas de Fundamentos das Ciências da Natureza e Matemática. No terceiro ano, o eixo de norteador das disciplinas é a sala de aula passando a conter disciplinas como Laboratório, Libras (Língua Brasileira de Sinais) e Organização de processos educativos. As disciplinas relacionadas a Ciências da Natureza e Matemática prosseguem e o Estágio ocorre nas séries finais do Ensino Fundamental. Finalmente, no quarto ano do curso volta-se o olhar para a comunidade, sendo dada ênfase ao eixo Agroecologia, em articulação com o Estágio nas escolas de Ensino Médio. Além das disciplinas desse último ano – que envolvem Desenvolvimento Sustentável de territórios rurais e Métodos de trabalhos participativos – e dos estágios, os estudantes elaboram um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ao longo dos quatro anos são ofertadas, ainda, disciplinas optativas e complementares como: Aprofundamento temático, Apoio pedagógico, ou Introdução aos processos de pesquisa. Há, da mesma forma, a apresentação de trabalhos em atividades culturais, a participação em projetos e eventos (inclusive na organização e na produção deles), participação em atividades culturais, e atividades sobre noções básicas de computação e internet.

Um diferencial importante do curso de Licenciatura em Educação do Campo diz respeito à formação por área de conhecimento. A perspectiva é que os educandos e egressos contribuam de maneira significativa nas escolas e comunidades. Vivenciando, desde a formação, a realidade do meio rural, busca-se que eles sejam capazes de trazer para a sala de aula conhecimentos que possam ser pensados de forma interdisciplinar na área de Ciências da Natureza e Matemática, buscando a articulação entre a vida do campo e as relações com a química, física, biologia e matemática.

Como foi mencionado anteriormente, a Agroecologia é um dos eixos do curso e é trabalhada com mais profundidade no último ano. Busca-se que o estudante seja capaz de pensar e desenvolver intervenções no campo com base nos princípios e técnicas agroecológicos, visando à sustentabilidade. Pois, além de valorizar os saberes locais, é preciso conscientizar e incentivar o desenvolvimento de práticas que respeitam o meio ambiente. (UFSC, 2009, p.4) Para os educandos das Encostas da Serra Geral a agroecologia é vivenciada no cotidiano, sendo que alguns estudantes do curso fazem parte da Agreco (Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) que apoia e incentiva sistemas de produção orgânicos, trazendo desenvolvimento e renda para as famílias rurais. A turma é levada a conhecer unidades de produção que desenvolvem esse tipo de atividade, para que compreenda o processo e os benefícios que traz para o homem do campo e para o meio ambiente.

1.5 OS SUJEITOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM SANTA ROSA DE LIMA: COMPOSIÇÃO DA TURMA, ORIGEM E PERFIL DOS ESTUDANTES

Olhando para o início do curso, vemos as modificações que foram acontecendo no andamento dos semestres. As aulas foram iniciadas em 10 de setembro de 2012, com 43 estudantes matriculados, 40 destes alunos em sala de aula. Na primeira semana de aula já aconteceram algumas desistências. Tivemos quem optou, lá pelo segundo semestre, em trocar o curso de Educação do Campo por Agronomia, (via novo vestibular). Em sequência, aconteceram outras desistências por falta de identificação com o curso e com as perspectivas de formação. Em 2013 haviam 31 alunos matriculados. A partir daquele momento a turma parecia consolidada, ou seja, não eram esperadas outras saídas. O que acabou acontecendo no momento da realização do primeiro estágio na escola. Já no terceiro ano, mais duas estudantes deixaram o curso, quase ao mesmo tempo. Nesta altura dúvidas sobre a identificação com a formação docente ainda prevaleciam para ambos. Com as perdas, a turma Encosta da Serra Geral hoje é composta de vinte e três estudantes. Dezesseis são de Santa Rosa de Lima e sete

provêm de municípios vizinhos: Anitápolis (dois), Rio Fortuna (dois), São Bonifácio (dois) e Orleans (um).

Quando se pensa em um perfil geral da turma, constatam-se diversos contextos de vida. Em sua maioria absoluta, contudo os estudantes são envolvidos com o meio rural, sendo filhos de agricultores familiares, alguns já atuando em suas próprias unidades de produção também familiar. Ou seja, desde cedo, vivem e trabalham nesse meio rural. Apenas dois estudantes não possuíam vínculo com o meio rural. Um deles, inclusive, passou a residir no território em função do curso.

CAPÍTULO 2 - DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DOCENTE

[...] com objetivo de formar educadores para atuação na educação básica, especificamente para as séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio em escolas do campo, aptos a fazer a gestão de processos educativos e a desenvolver estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos humanos críticos, autônomos e criativos capazes de produzir soluções para questões inerentes à sua realidade, vinculadas à qualidade social do desenvolvimento de áreas rurais [...] (UFSC,2009, p,4).

Entra-se no curso conhecendo em que irá se tornar após quatro anos de estudo? O que levou esses jovens a optarem por esse curso? Saem profissionais capacitados para compreender, de forma coerente, seu papel na sociedade? Ou seja, não sendo somente professores em escolas, mas, sim, como pessoas que saíram de uma universidade, de um curso diferenciado, e com isso conseguiram se tornar pessoas melhores, com visões melhores de mundo, de realidade? No decorrer deste capítulo, essas e outras questões vão ser discutidas, a partir de entrevistas com estudantes da Licenciatura em Educação do Campo, mais especificamente, da turma interiorizada Encostas da Serra Geral - Santa Rosa de Lima.

2.1 OS DEPOENTES

Dados os limites de tempo e de alcance do TCC eu precisava escolher quatro estudantes para tomar os depoimentos e poder fazer uma análise cuidadosa. Tratou-se de uma seleção difícil, principalmente pelo envolvimento desta autora com o grupo. Optou-se por escolher, dentre os vinte e três estudantes, aqueles que pudessem representar a diversidade do grupo nas suas histórias.

A “Jovem produtora de frangos orgânicos”:

Ela própria se caracteriza como “produtora rural” e constituiu família no município. Com 26 anos, nascida em Santa Rosa de Lima, mãe de uma menina de seis anos, é cheia de disposição para desenvolver atividades. Com um companheiro que é parceiro, tanto na produção (ele tem atividade remunerada fora da UFP (Unidade Familiar de Produção) quanto no incentivo à conclusão dos estudos, afirma que ingressou no curso pela oportunidade que foi oferecida no município. Antes do vestibular e de ingressar na EduCampo, não conhecia como era o projeto e o funcionamento do curso. Diz que, “por ser uma licenciatura, abraçou a oportunidade”. Ainda segundo a estudante, porque anteriormente já tinha iniciado licenciatura Ciências Biológicas em uma instituição privada, mas havia feito o trancamento por questões familiares. A jovem instalou em sua UFP, logo após o início do curso, uma “granja” para criação de frangos orgânicos. Deste modo, conseguiu conciliar os estudos com o trabalho. Atualmente, ela se destaca no município pela atividade que desenvolve, recebendo visitantes que querem conhecer o sistema de produção orgânico de frangos, inclusive com registros na mídia, para programas voltados à agricultura familiar e orgânica.

A “Jovem que trabalha na PCH”:

Atua na área de serviços gerais em uma Pequena Central Hidrelétrica. Seu marido trabalha na mesma empresa, como jardineiro. O sonho em ter uma formação superior foi sendo prorrogado por causa dos custos e da necessidade de deslocamento. Até a chegada da EduCampo no município. Com 33 anos, tem uma família constituída. Ela diz que o curso foi “uma boa surpresa que apareceu no caminho e que “o sonho de se tornar professora foi se concretizando com esforço e vontade”. A jovem fala sobre sua evolução pessoal dentro do curso, afirmando que mudou a forma de falar, de se expressar em público, que era uma dificuldade que considera que tinha. Seu desejo é de trabalhar na Educação de Jovens e Adultos – EJA, no município. Após casar, a jovem morou algum tempo fora do município, voltando a morar em Santa Rosa de Lima três anos depois, perto de seus pais que possuem uma propriedade rural.

A “Jovem na busca incansável pelo ensino superior”:

Tem 26 anos. Em 2008, logo após a conclusão do Ensino Médio, iniciou o curso de Ciências Contábeis em uma instituição privada. Desistiu, logo no primeiro semestre, por dificuldades de deslocamento. Em 2011, ingressou nos cursos de processos gerenciais e de artes visuais. Em 2012, é aprovada no vestibular para a EduCampo. Passou a atuar como professora, com contrato temporário (ACT), desde o primeiro ano da Licenciatura em Educação do Campo. No segundo ano do curso, atuou todo o tempo como professora. Afirma, todavia, que “se descobriu na profissão docente, durante o curso”. Por isso, ao mesmo tempo em que cursa a EduCampo, procura se aperfeiçoar. Relata que teve atuação durante o período em que as escolas das redes municipal e estadual situadas em Santa Rosa de Lima entraram em greve. Tem desempenhado o papel de articuladora entre a escola estadual de Educação Básica e a EduCampo, tendo contribuído, inclusive, para a realização dos estágios obrigatórios do curso de diversos colegas, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio.

“O Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo”:

Tem 27 anos e é morador em uma localidade do “interior” do município de Santa Rosa de Lima, onde residem, hoje, cerca de 30 famílias, a maioria de idosos e homens. Em sua entrevista destacou que a EduCampo contribuiu de forma significativa para que ele pudesse compreender melhor a sua localidade, a sua família e o seu papel no município, para se reconhecer como sujeito do campo. Quando iniciou o curso, era quieto, de poucas palavras e certa timidez. Aos poucos foi se tornando participativo, com ideias, opiniões firmes e fundamentadas. Como trabalhador rural na propriedade dos pais, sempre teve vontade de continuar estudando. Ia iniciar um curso no ensino a distância (EaD), quando da chegada no município do curso de Educação do Campo. Na turma, se destaca por sua evolução acadêmica.

Os depoimentos destes quatro jovens servirão de base para as nossas reflexões sobre a formação docente na EduCampo, os tipos de conhecimentos e as abordagens trabalhadas e das possíveis mudanças nas perspectivas de vida e de trabalho dos seus educandos.

2.2 A GARANTIA DE ACESSO E PERMANÊNCIA

Voltando à escolha de Santa Rosa de Lima para a implantação da segunda turma do projeto de interiorização (“Mambembe”), abrangendo o território da Encosta da Serra Geral, recorde-se que, de acordo com SCHMIDT (2016), foram importantes a proximidade do município com Florianópolis (UFSC), o apoio da prefeitura na cessão, adequação e manutenção do espaço físico para as aulas, e o transporte oferecido aos estudantes para o deslocamento das localidades onde habitam até a sede do município. Outro ponto em destaque foi o conhecimento da área, os projetos de pesquisa e extensão da UFSC que ali eram desenvolvidos, as parcerias consolidadas com instituições como Agreco e Acolhida na Colônia que tem a agroecologia em suas linhas de trabalho.

É preciso tratar agora dos sujeitos que ajudaram a compor a lista de estudantes que vão compor a Turma 4, de Santa Rosa de Lima. São jovens do campo que encontraram na EduCampo UFSC uma oportunidade para cursar um nível superior, pois a universidade deslocou-se para o interior, estava presente no município deles, ou próximo, e tinha uma organização das atividades que proporcionava a continuidade da vida e do trabalho em suas unidades familiares de produção.

Em sua maioria (16 de 23), eles são de Santa Rosa de Lima e se deslocam de 3 a 40 quilômetros, de suas residências no “interior” do município, para chegar ao Centro Geração e Renda Rosa Uliano, espaço disponibilizado pela Prefeitura de Santa Rosa de Lima para ocorrência dos Tempos-Universidade (aulas presenciais). O apoio da administração municipal se estende à utilização do transporte escolar para assegurar esse deslocamento de ida e volta.

Como já descrito anteriormente, dos 23 estudantes da turma, sete vêm de outros municípios próximos: Anitápolis; Rio Fortuna; São Bonifácio e Orleans.

Pensar a turma de modo geral é um desafio. São diversas pessoas, com histórias de vida e de superação diferentes, todos com objetivos e sonhos a serem realizados. Objetivos e sonhos que foram sendo criados a partir da entrada no curso de Educação do Campo, visto como uma oportunidade que não poderia ser desperdiçada, ainda mais um curso em nível superior, em uma universidade pública federal, que possibilitou a

esses jovens rurais estudantes continuar atuando em suas UFP em contraposição ao êxodo do campo, que já tem números bem significativos. Sublinhe-se que segundo CARNEIRO (1998, apud CASTRO, 2009), “os jovens rurais seriam aqueles que vivem o ‘dilema’ do trânsito entre o campo e a cidade, e sofreriam de forma mais direta as transformações sociais no meio rural”. Os jovens rurais são sujeitos que vivem a passagem para a vida adulta, no mesmo contexto histórico de outros jovens, mas possuem peculiaridades pelo fato de viverem no meio rural, mesmo transitando em espaços urbanos. O jovem rural é visto na sociedade como aquele que vive no campo; como filho de agricultor e pequenos produtores sem-terra.

Neste contexto, é com a palavra “oportunidade” que os quatro estudantes entrevistados caracterizaram a possibilidade de acesso ao ensino superior para os jovens do campo de Santa Rosa de Lima e municípios próximos.

Sem entender muito do que se tratava o curso que iriam prestar o vestibular os jovens “arriscaram”, “abraçaram a oportunidade” que lhes foi oferecida e apenas com o andamento do curso foram entender como ele funciona, para que tipo de formação estão sendo preparados, entre outras especificidades. Um dos fatores que os levou a prestar o vestibular foi o fato do curso ter sido oferecido no município, como expressam duas das entrevistadas:

(...) Prestei o vestibular porque era um curso superior que ia ter aqui na Santa Rosa (...)
(Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016).

Esse curso é uma oportunidade para bastante jovens” (Jovem que trabalha na PCH, 2016)

O fator local e o tipo de processo seletivo contribuiu para a formação da Turma 4. A realização do vestibular no território, em Santa Rosa de Lima e dois municípios próximos (São Martinho e Braço do Norte) e o fato de ter sido diferenciado (em relação ao “unificado” da UFSC) contribuiu para isso. Sem dúvida, a maior parte dos estudantes da turma afirma que se o vestibular, por exemplo, tivesse sido realizado em Florianópolis não se teria a metade dos estudantes que se tem hoje, uma vez que não se

deslocariam para fazer o vestibular de um curso que nem conheciam, que não sabiam “o que era, na verdade”.

“Por exemplo, se o vestibular tivesse sido lá em Florianópolis, com certeza, só o vestibular mesmo, eu acho que não teria ido [...]” (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016).

(...) [Se] esse vestibular tivesse sido em Florianópolis, talvez eu já não teria feito. Até mesmo porque parece que deu uma consistência maior para organização da turma (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016).

Um dos entrevistados referenda os depoimentos anteriores afirmando que

a realização do vestibular no próprio município foi de suma importância para a formação da turma Encostas da Serra Geral, pois se o mesmo fosse realizado em Florianópolis inviabilizaria a participação de muitas pessoas. Inclusive, a minha. (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Assim, o vestibular específico e aplicado localmente contribuiu para que todos pudessem prestá-lo e ter resultados satisfatórios. Todos, neste caso, contemplam a diversidade de idades e de condições de estudo que a turma tem. Há desde aqueles que entraram no curso no ano seguinte ao de finalização do ensino médio (o vestibular foi realizado em junho), até aqueles haviam saído da escola há mais de doze anos. Isso permitiu a formação de uma turma muito diversificada em relação à base formativa, à postura e às perspectivas de vida.

Especificidades como o vestibular diferenciado, interiorização, a maneira como o curso funcionou, com a pedagogia da alternância e horários que proporcionaram ao estudante a manutenção do vínculo com a UFP foram destacados pelos entrevistados como de extrema importância na constituição de novas turmas de Licenciatura em Educação do Campo. Para eles, essas opções fortalecem o laço com o desenvolvimento do meio rural, não afastando o jovem, mas, ao

contrário, o fazendo compreender como articular melhor seus conhecimentos junto ao território. Três dos entrevistados mencionam essa conciliação do desenvolvimento das atividades durante a realização do curso.

(...) Eu tenho a produção de frangos e ainda conseguia associar um pouquinho mais (...) (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016)

“(...) Eu consigo conciliar o serviço.” (Jovem que trabalha na PCH, 2016)

“As condições eram que as aulas fossem no período tarde/noite, pois assim possibilitaria, ainda, ajudar nos trabalhos da propriedade. Se fosse o dia inteiro, [eu] não teria entrado.” (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Embora a chegada do curso de Educação do Campo ao município tenha sido fundamental para que pudessem ser incluídos como sujeitos de direito ao acesso ao ensino superior, parte desses estudantes apresentam histórico anterior no nível superior.

Dos quatro entrevistados apenas um não havia ingressado ainda em um curso superior. A experiência de acesso a instituições privadas de ensino presencial e à distância é recorrente nos relatos. Anteriormente à chegada do curso de Licenciatura em Educação do Campo oferecida pela Universidade Federal de Santa Catarina, alguns jovens de Santa Rosa de Lima e região optavam pelas instituições de ensino privadas, grande parte com oferta do ensino a distância. Os cursos pagos dessas instituições eram oferecidos na região e os jovens, conseguiam trabalhar e estudar, já que a maior parte dos cursos era oferecida no período noturno, havendo um ônibus do município que assegurava o transporte gratuito para levá-los até os locais de aulas. O que se constatou é que o sonho de estudar na UFSC esteve presente na vida dos jovens entrevistados, mas era algo distante, pelo fato de precisar sair do município para isso.

(...) UFSC nem pensar (...) (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016).

A UFSC sempre foi uma instituição que me chamou a atenção, pois sempre ouvi as pessoas falarem sobre a importância de ter um diploma da UFSC, que esse diploma teria destaque maior que as outras instituições universitárias. (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016).

Para outra das entrevistadas o curso de Educação do Campo foi a quarta alternativa tentada.

Sempre foi um sonho conseguir fazer algum curso na UFSC. Porque era referência. Mas como demorou para eu ter acesso a ela, eu optei por outras. Optei porque ficavam mais próximas e eu conseguia pagar. Eu não tinha condições de vir para Floripa e me manter. Era muito mais difícil. Eu comecei no mesmo ano do ensino médio, isso foi em 2008, comecei um curso de ciências contábeis na Unibave. Eu não consegui terminar o primeiro semestre, justamente por causa da dificuldade de ir para lá. Porque, aí, eu vinha, morava no interior, como moro até hoje e precisava ficar na praça (pernoitar no núcleo urbano), porque eu chegava por volta da meia noite, uma hora da manhã. Cinco horas eu levantava e ia para casa com o ônibus dos estudantes do colégio e de tarde, às três horas, eu precisava voltar de novo. Não consegui concluir. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

Além da referência de qualidade, uma universidade pública federal entra no imaginário dos sujeitos do campo como algo inatingível. De um lado, pelo processo seletivo – o vestibular. De outro, pela localização da universidade, no litoral, distante dos municípios, o que implica em mudança “para a capital”, dada a dificuldade para os deslocamentos. Basta lembrar que, em 2016, o único transporte coletivo que fazia a rota Santa Rosa de Lima-Florianópolis, com apenas um horário de ida e outro de volta, deixou de circular. Assim, restaram somente o carro próprio, o “taxi” ou carona com particulares ou com os “veículos da saúde”. Ora, a mudança para Florianópolis é acompanhada dos custos

de moradia e de alimentação, geralmente proibitivos para esse público.

O ingresso em um curso universitário é visto como uma “conquista”, como um dos entrevistados relata,

Para um jovem do campo, o acesso ao ensino superior é uma grande conquista. Aos olhos da sociedade, o campo é um lugar atrasado, sem educação... Os “jecas-tatus”... E isso se torna sempre um estigma presente na realidade dos seus habitantes. Aos jovens cabe tentar reverter essa realidade. Ao entrar em um curso superior, os jovens do campo mostram que são capazes, como qualquer outro jovem.” (Jovem que passa se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Poucos são os jovens do campo que conseguem alcançar esse objetivo. Além dos fatores antes expostos, a perda que a saída pode representar na mão de obra da família é outro que pesa na decisão final.

O fato de um curso de nível superior focar no sujeito do campo, levando até ele conhecimento e valorização, é a peça chave para formar turma quando o curso é interiorizado. A chegada de um curso de uma instituição federal, pode, no princípio, trazer dúvidas ou inquietações em um pequeno município rural. O modo como a EduCampo foi apresentada e foi sendo construída, com o passar dos anos e com a colaboração dos estudantes, contribuiu para que as dúvidas fossem sendo resolvidas e que se formasse um grupo sólido e com objetivos em comum.

Além disso, o fortalecimento do vínculo do jovem com o campo, permitindo que ele adquira conhecimentos e ao mesmo tempo continue a desenvolver atividades na sua UFP, é uma característica forte do curso. Há relatos de estudantes que entraram e continuaram no curso por ter esse modelo de funcionamento, permitindo que seu trabalho continuasse sendo realizado. É verdade que com o passar das etapas do curso essa possibilidade foi se estreitando. Conciliar trabalho e as atividades do curso começou a pesar. Escolhas começaram a ser feitas: o curso ou a produção? A EduCampo é um pouco “forçada” para quem deseja estudar e manter-se produzindo na UFP. A “Jovem produtora de frangos orgânicos” descreve bem a situação.

Conseguiu manter-se no curso e produzindo frangos porque teve o apoio do marido que, mesmo tendo outra atividade profissional, a auxiliou nas atividades da granja da família. Ela lembra que se a granja não ocupa todo o seu tempo, tinha dias que não conseguia ir até lá devido “à sobrecarga de trabalhos da faculdade”.

Sabe-se que o ensino superior é composto de trabalhos, atividades e estudo, mas quando se propõe um curso com perfil diferenciado, entendendo o jovem do campo como ser que tem direito a adquirir conhecimentos científicos e, ao mesmo tempo, continuar a desenvolver as atividades da UFP, deve-se repensar métodos que implicam na sobrecarga de “trabalhos acadêmicos”.

Como em todo curso superior ocorrem perdas ou desistências, na Turma 4, não poderia ser diferente. Dos quarenta estudantes que iniciaram as aulas, hoje restam vinte e três. Boa parte das saídas foram explicadas pela não identificação com o curso e com a docência, mas também com a forma e o ritmo de trabalhos.

Desistir, acredito ser a palavra que mais passava na cabeça quando as coisas apertavam, as dificuldades apareciam. Algumas vezes, vontade de desistir... Em certos momentos, as coisas eram bem puxadas” (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016).

Assim relata a estudante que só não desistiu porque “o marido não deixou”, ou melhor, sempre a incentivava a persistir e terminar o curso. Para ela

à medida em que as fases eram terminadas, as complicações aumentavam. Era estágio, [eram] artigos, [eram] trabalhos... Muitas vezes, a propriedade ficou deixada de lado, para atender a essa outra demanda. (Jovem Produtora de frangos orgânicos, 2016)

Zago (2006, p.235) traz essa discussão em uma de suas publicações, relatando que o tempo investido no trabalho como forma de sobrevivência impõe, em vários casos, limites acadêmicos, como na participação em encontros organizados no interior ou fora da universidade. Decisão difícil de ser tomada, escolher entre estudar, que é o sonho, ou trabalhar para

sobreviver. Por isso, é grande o número de jovens do meio rural que deixam os estudos para dedicar-se ao trabalho.

Ponto positivo do curso de Educação do Campo é que ele permitiu que seus estudantes não deixassem de participar das atividades das UFP ou, até mesmo, de arrumar uma atividade remunerada no contraturno das aulas. São poucos os cursos superiores onde é possível essa flexibilidade. As famílias deram esse suporte e apoio para esses jovens, famílias que viram na Educação do Campo aquela modelo de “escolinhas” que tinham antes, aproximando escola das famílias. Muitos jovens rurais também combinam o estudo com oportunidades de emprego. Até porque precisam pagar a faculdade. Muitos deles trabalham na “praça” (sede do município), mas continuam morando com os pais, porque se sentem protegidos e também para evitar gastos com moradia. Essa situação em Santa Rosa de Lima aparece como melhor do que aquela descrita por CARNEIRO:

Em uma das amostras parciais realizadas entre jovens rurais que trabalham ou já trabalharam (131 entrevistados), 42% ganham menos de meio salário mínimo (até 120 reais) e 27% recebem de meio a um salário mínimo, o que indica que o investimento na educação, apesar de ser um valor compartilhado pela maioria dos jovens, ainda não tem sido suficiente para realizar o objetivo normalmente a ele associado: conseguir uma melhor inserção no mercado de trabalho alternativo à agricultura. (2005, p.250).

Tratando-se da ambiência e das condições de convívio oferecidas pelo curso, pode-se citar a alimentação oferecida por associadas à Acolhida na Colônia, a contribuição dessas mulheres todas conhecidas dos estudantes para o fortalecimento da turma. É mais uma indicação de que o curso ser realizado no pequeno município rural em que reside a maioria dos estudantes é algo que possibilita aproximações com membros e organizações locais, que de forma ativa contribuíram para o fortalecimento da turma e do curso no seu entorno. A integração propiciada no horário da alimentação, entre os turnos vespertino e noturno, se estendeu também à organização do coletivo da

turma responsabilizando-se pela manutenção da organização da sala e do refeitório.

O papel integrador e de articulação se mostrou ainda mais efetivo com a criação da função de coordenador de turma, essencial considerando a distância da universidade e o caráter de interiorização do curso. A presença de um coordenador de turma no município durante os Tempos-Universidade contribuiu para que a turma permanecesse com número significativo de estudantes. Sempre disposto a ajudar no que fosse preciso, conforme relata a jovem produtora de frangos orgânicos, a presença do coordenador no ambiente acadêmico fortaleceu muito o vínculo com e entre os estudantes. No decorrer do curso, a permanência dos estudantes foi associada ao fato de ter um coordenador de turma presente diariamente com os estudantes, fazendo um papel de extrema importância para a consolidação da turma, conhecendo cada um, visitando suas casas. Parecia uma volta ao tempo do professor das escolas multisseriadas, que conhecia cada família, cada aluno e suas dificuldades. Esse acolhimento foi um dos principais pontos de permanência da turma. A saída desse ponto de referência, em determinado momento, tornou instável a permanência no curso de muitos estudantes.

Acredito que todos que estão no curso, em algum momento, já pensou em desistir. Isso aconteceu em vários momentos, pela sobrecarga de trabalhos e exigências que nos são depositados... Por, em alguns momentos, estar realmente cansado. (...) Mas isso não acontecia, primeiramente, porque teve pessoas que nos incentivaram a continuar e por não querer deixar morrer o sonho de formar em um curso superior. (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

(...) Quando o coordenador de turma saiu, que foi nosso ponto seguro...Se não fosse ele, acho que pelo menos eu não estaria.”
“(Jovem que trabalha na PCH, 2016)

Mas foi também essa saída que mostrou o resultado do trabalho que ele desenvolveu nesse período: pessoas/estudantes mais amadurecidos, responsáveis e organizados.

Inclusive eu devo muito, principalmente ao [nome do coordenador de turma]. Ele foi várias vezes na minha casa, dizendo que eu não poderia desistir. Toda vez que eu ia lá entregar um atestado ele dizia: não desiste! Ele que me encaminhou para o regime domiciliar. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016).

É importante, ainda, dar destaque ao papel cultural e ao desenvolvimento integral do educando desenvolvido pela coordenação da turma, como os horários (as “janelas”) estabelecidos para o desenvolvimento de atividades como filmes, debates, atividades de apoio, seminários, viagens de estudo entre outros realizados durante o curso.

2.3 A FORMAÇÃO CRÍTICA NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

Não só as universidades, mas também a escola tem o papel de formadoras de cidadãos críticos e participativos perante a sociedade, não apenas sendo preparados para o meio de trabalho. Hoje, são inúmeras as informações que temos a todo momento sobre tudo. Como uma criança ou um jovem consegue assimilar todos esses conteúdos? A escola e professor têm papel muito significativo nesse sentido:

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer. (GADOTTI, 2000, p,8)

Oportunidade não necessariamente ligada à área de formação, mas também entendida como forma de adquirir conhecimentos para a vida, para o trabalho na propriedade agrícola e melhor desenvolve-la, propósito que fica evidente na fala de uma das entrevistadas, quando ela relata que o

conhecimento que adquiriu no curso superior pode ser utilizado em sua UFP e permite a ela poder optar por permanecer no campo, com trabalho, com possibilidade de ver sua unidade familiar inserida em outra perspectiva econômica, social e de produção.

Um dos pontos positivos que eu acho é que um jovem, tanto do campo quanto da cidade, quando ele tem oportunidade de fazer um curso superior, ele começa a ter outras oportunidades. Não especificamente na área de formação, não só como professor. A partir do curso, eu comecei a ter outras visões de mundo como um todo. A gente tem outras oportunidades que não necessariamente precisa atuar na área. (...) Mas esse curso me deu muitas outras oportunidades, abriu muitas outras portas que eu posso estar utilizando do conhecimento que adquiri no curso superior para a minha vida. (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016)

No entanto, é preciso indagar de que conhecimento e de qual visão de mundo a estudante está se referindo. Neste sentido buscamos a afirmação de Molina e Hage (2015) sobre a matriz formativa pensada e desenvolvida nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo, uma matriz que,

“(...) apresenta a intencionalidade pedagógica de formar um educador capaz de compreender a totalidade dos processos sociais nos quais se inserem sua ação educativa. (...) A contra-hegemonia na formação docente revela-se na articulação entre aparência e essência, a partir da qual se busca desenvolver uma formação em nível superior com qualidade social, com capacidade de formação de sujeitos camponeses educadores, com criticidade suficiente que lhes permita olhar para a realidade na qual estão inseridos (...)” (MOLINA, HAGE, 2015, p.143)

É nesta perspectiva que o curso de Licenciatura se estruturou, em uma matriz que possibilite a leitura integral dos

processos socioeconômicos, político, culturais na articulação entre os Tempos-universidade e os Tempos-comunidade. Isso está presente nos depoimentos de todos os entrevistados. Por exemplo, na continuidade do depoimento da jovem produtora e estudante:

“(...) depois de fazer o curso, eu passei a olhar muitas coisas com outros olhos, [com] um olhar mais crítico (...). Me proporcionou uma outra visão de mundo. Eu consegui ver um pouco disso depois que a gente começou a debater nas aulas, sabe. Daí eu passei a olhar criticamente o mundo ao meu redor. (...) A gente passa a perceber as coisas que estão ao redor de forma diferente. (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016).

FERNANDES, CERIOLI, CALDART. (2011, p. 25) afirmam que a utilização da expressão campo foi adotada em função da reflexão sobre o “(...) sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho”. A intenção explícita é resgatar o conceito de camponês. Aprofunda-se a definição de campo como,

(...) lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra (...). (FERNANDES, CERIOLI, CALDART, 2011, p. 137)

Para outra estudante é marcante o papel desempenhado pelo curso na mudança de perspectiva em ver o campo, especificamente o seu município.

“Antes eu era uma [nome], que não via [...] expectativas. Eu achava que SRL era um mundinho perdido, um município pequeno perdido, não via nenhuma possibilidade no município. Assim como também acreditava que ser professora era um mundo mágico, só ir na escola, entrar na sala e passar conteúdo. E também a própria questão

política... Eu tinha uma visão diferente, tanto municipal, estadual e federal. (...) Na verdade, eu aprendi a gostar do município durante o curso e como eu já disse antes, quanto mais eu saio de SRL mais eu quero ficar.” (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

E em se ver como sujeito do campo, como se refere outro estudante entrevistado,

Como um morador do campo, sinto que ao cursar uma faculdade posso obter conhecimento, tornar-me um profissional formado, e futuramente usar esses conhecimentos como contribuição para que os povos do campo sejam valorizados e, conseqüentemente, me sentir pleno. (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Para esse mesmo estudante o curso desencadeou a reflexão sobre sua própria realidade e sobre os sujeitos à sua volta.

A permanência foi possível pelo sonho de concluir um curso universitário e ser um jovem do campo com uma formação. Pois acredito que quem participou desse curso, mesmo que não exerça a profissão, possui hoje em dia um olhar diferenciado sobre a sua realidade e sobre o mundo, principalmente sobre os povos mais oprimidos. (Jovem que passa a se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Para a turma de Santa Rosa de Lima, por mais que a Agreco (Associação dos Agricultores Ecológicos das Encostas da Serra Geral) tenha um componente coletivo, é bastante distante a experiência dos movimentos sociais organizados. Sem dúvida, esse foi um dos temas que traziam questionamentos quase sempre velados, dúvidas, preconceitos e por vezes um certo tabu em conversar a respeito. As diferentes oportunidades de participação nos Seminários Nacionais com os movimentos sociais organizados possibilitaram mudança na forma como esses movimentos eram vistos por parte dos estudantes.

(...) Como o curso surgiu através dos movimentos sociais, achava que a luta que o curso (trazia) não condizia com a minha realidade. Porém, com o tempo, comecei a enxergar que o curso luta pela garantia de melhores qualidades para a vida dos povos do campo, sejam eles oriundos dos movimentos sociais ou não. A partir de então, entendi que essa luta também era minha, pois como todos os povos do campo, faço parte desse grupo de pessoas que todos os dias tem que lutar sol a sol para garantir a sua sobrevivência. O curso está me ajudando a compreender melhor a minha realidade e o meu verdadeiro eu. (Jovem que passa se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Já para outra entrevistada a mudança em ver sua comunidade se estende às relações da forma de produção e a forma como a Agroecologia foi sendo desenvolvida ao longo do curso.

Nessa questão, o curso foi muito importante. Porque, antes do curso, eu tinha uma visão... Inclusive, o pouco de agricultura que era realizado na propriedade era a base de agrotóxico. Hoje, essa visão é totalmente diferente. Tanto é que quando eu ia ao supermercado, por exemplo, procurava comprar um extrato de tomate de uma marca que passava na TV, que tinha propaganda. (...) Assim [era] também com várias outras coisas. Passei a valorizar muito mais os produtos locais e também os que vêm de agricultura familiar com produtos orgânicos. Assim como passei a praticar [a produção orgânica]. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

Finalmente a fala da estudante a seguir reflete que o curso de Educação do Campo tem intencionalidade crítica e que tem se efetivado de forma significativa, como demonstrado nos depoimentos dos estudantes.

Eu acho que mesmo que eu não vá atuar como professora, claro que não é essa a

minha expectativa, mas, mesmo que eu nunca vá atuar como professora, o curso me formou uma cidadã. Cidadã que é capaz de ir às ruas e saber... Aprendi a reivindicar os meus direitos. Aprendi que a gente precisa fazer sua parte para melhorar a sociedade. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

2.4 A FORMAÇÃO DOCENTE

Outro sentido que podemos dar à oportunidade é na realização do sonho de ser professor. Para uma das entrevistadas, a vontade sempre foi a de ser professora. As dificuldades financeiras fizeram, contudo, com que isso não fosse possível, já que os cursos disponíveis eram oferecidos por instituições privadas e eram pagos. A Educação do Campo veio para realizar esse “sonho que parecia tão distante e quase perdido de ser professora”, mesmo tendo em conta que as condições impostas para essa profissão não fossem as melhores, tanto na questão salarial, como os estudantes que não respeitam, nem valorizam os professores.

Eu pretendo lecionar. Não sei se no fundamental... Vou tentar. Se eu passar nas provas... Eu penso na EJA também. Dar aula na EJA já é mais tranquilo que no Ensino Médio. Ensino Médio eu acho difícil. Hoje, como estamos trabalhando no terceiro ano, a gente vê que eles não estão nem aí. Tanto do 1º ao 3º é bem difícil. Já de 6º a 9º ano é mais tranquilo. Eu acho bem mais fácil lidar com os alunos. (Jovem que trabalha na PCH, 2016)

A poucos passos do final do curso, ser ou não ser professor é uma dúvida de alguns formandos da EduCampo. A jovem que trabalha na PCH mantém o objetivo de ser professora que tem há muito tempo e pretende lecionar. Ao contrário, a produtora de frangos orgânicos, que ao passar do curso já relatava que não queria ser professora, afirma que a EduCampo a ajudou em muitas outras partes de sua vida, inclusive no modo

de ver sua propriedade, onde diz que usará os conhecimentos que adquiriu nesses quatro anos.

A estudante que já vem lecionando em matérias diferentes das Ciências da Natureza e Matemática, viu no curso a oportunidade de praticar a docência.

Eu comecei fazendo contabilidade porque era o que meu avô queria. Como nós tínhamos a madeireira, ele queria [que eu fizesse] contabilidade para cuidar do negócio da família. Mas, na verdade, eu sempre tive como objetivo ser professora. Eu acho que só demorei para encontrar esse caminho, mas meu objetivo era esse. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

Para ela, a proximidade com a escola, como professora ACT (Admissão em Caráter Temporário), a fez vivenciar as dificuldades do exercício da docência e participar de uma greve reivindicatória. Mesmo assim seu objetivo é o de se estabelecer como professora. Inclusive, embora afirme não ver melhoras na profissão docente, almeja dar continuidade aos estudos, agora na pós-graduação.

Infelizmente, eu não vejo grandes melhorias para os professores. Muito pelo contrário, eu acho que ainda iremos passar por situações bem piores do que passamos hoje. No entanto, eu pretendo daqui a cinco anos já ter terminado meu mestrado e que eu seja uma professora que saiba, na verdade, ensinar, repassar e formar cidadãos, como boa parte dos professores do curso sabe. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

Ao que parece não difere das condições em ser professor na Educação Básica, esse é um dos motivos e pelos quais a jovem produtora de frangos orgânicos não pretenda lecionar.

[..] Cada vez mais eu percebo que os professores estão desvalorizados. Então, às vezes eu pensava assim, para que eu estou estudando se não quero ser professora? Principalmente, depois de ver todas essas dificuldades e tudo isso que os professores passaram... E chegou no final dessa greve

[dos professores da rede estadual de ensino] e eles não conseguiram nada. (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016)

2.5 A ÁREA DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA E A REALIDADE

Uma das principais características da Licenciatura em Educação do Campo como política de formação de educadores do campo centra-se na estratégia da habilitação de docentes por área do conhecimento para atuarem na educação básica (...). Há que se destacar a intencionalidade maior da formação por área do conhecimento de contribuir com a construção de processos capazes de desencadear mudanças na lógica de utilização, e principalmente, de produção do conhecimento do campo. A ruptura com as tradicionais visões fragmentadas do processo de produção do conhecimento (...) é um dos desafios postos à Educação do Campo. (MOLINA, FREITAS, 2011, p. 28)

A proposta interdisciplinar ainda é um grande desafio, tendo em vista que devemos ter um tema encontrado a partir da realidade, que irá conduzir os conteúdos das quatro disciplinas específicas de formação na EduCampo, no caso, física, química, biologia e matemática. Em certos momentos, não foi possível andar de mãos dadas. Ao tempo que se tinha uma temática, faltaram os conteúdos básicos para a desenvolver. Nesse sentido, a sala de aula é destacada como ponto central quando se trata das dificuldades vinculadas ao curso. A produtora de frangos orgânicos ressalta, numa de suas falas, que ninguém sai pronto de um curso superior. No caso da EduCampo UFSC parece ter faltado maior suporte em ciências da natureza e matemática, sendo que não se teve nem o básico das disciplinas formadoras. Essa falta de conteúdo para a sala de aula, “o básico”, que gera o principal medo em muitos estudantes. Um destaque maior merece o último semestre de curso, quando não foram feitas aulas que ajudassem no estágio em quatro disciplinas do ensino médio, realizado no mesmo período.

(...) A gente não teve essa base. (...) Aprendeu muito mais novas metodologias, novas formas de tu entrar em sala de aula (...) do que propriamente as disciplinas que a gente vai poder ministrar depois de formado. (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016)

Outro ponto de dificuldade evidenciado no último semestre foi à junção de duas atividades importantes, o estágio no ensino médio e o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), já que ambos necessitam de muito empenho e estudo para serem concluídos e em curto prazo, fazendo com que umas delas seja priorizado.

Foi pouco tempo... TCC, tudo junto (...). (...) O último semestre deveria ser deixado só para o TCC. Começar o estágio antes, então. (Jovem que trabalha na PCH, 2016)

Contrapondo a dificuldade no trabalho com os fundamentos básicos vêm as diversas metodologias que foram trabalhadas, muitas maneiras de inserção em sala de aula, um leque de possibilidades para entender o contexto da escola e dos estudantes. Essa ideia fica exposta na fala de uma das entrevistadas:

Me vejo uma professora que vai conseguir formar meus estudantes. No entanto, não me acho preparada para ir para uma sala de aula, dar aula por exemplo, com conteúdos específicos de matemática, de física, principalmente dessas. Eu acho que como professora para diálogo, convivência, entretanto, eu seria ótima. (Jovem na busca incansável pelo ensino superior, 2016)

No que deixou a desejar nos fundamentos (conteúdos específicos), sobrou em evidenciar as realidades locais e trabalha-las em sala de aula de forma interdisciplinar, mesmo tendo sido um grande desafio, essa inovadora proposta de trabalho foi uma superação e a realização para todos, pois ainda são poucos os profissionais que conseguem desenvolver atividades nesse contexto interdisciplinar. Dois jovens trazem essa questão em suas falas:

Eu acho que na verdade a nossa formação é um pouco frágil. Mas se realmente a gente quiser ser professor, tiver vontade, ele (o curso) te deu uma estrutura pra ser professor diferenciado pro campo. Acho que abriu os olhos para a realidade do campo, porque, principalmente no nosso estágio todo, nos três anos na escola, a gente está voltado para a realidade do aluno, ou seja a realidade do campo, que é uma realidade diferente, que é uma realidade diferente do que vem nos livros didáticos. (Jovem produtora de frangos orgânicos, 2016)

As principais dificuldades foram trabalhar a interdisciplinaridade, encarar uma sala de aula, pois nunca me via naquele ambiente atuando como professor. Mas fiz das minhas dificuldades e anseios momentos de superação e realização. (Jovem que passa se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

Outro ponto que podemos trazer para a discussão é o significado de estar “totalmente preparado” para a atuação. Nenhum curso consegue plenamente essa preparação de seus egressos. Tem coisas que só a atuação e a experiência vão ensinar e melhorar. Isso cabe também a Educação do Campo, curso que tem quatro matérias específicas na formação, mas que, em contraponto, propõe e realiza práticas diferenciadas, que dão a oportunidade de desenvolver outras atividades dentro de sala de aula.

Ao finalizar [o curso], acredito que, como em qualquer outro curso, não estarei preparado para entrar em uma sala de aula, pois, como a área de atuação é muito ampla, em quatro anos fica inviável ter um conhecimento mais profundo sobre todas elas. Porém, acredito que entraremos nas salas de aula com um diferencial, que é ensinar a partir da realidade vivenciada pelos nossos alunos, além de buscar o trabalho de forma interdisciplinar.” (Jovem que passa se reconhecer como sujeito do campo, 2016)

2.6 O VÍNCULO COM O MUNICÍPIO

A Educação do Campo, como um curso interiorizado em Santa Rosa de Lima, contribuiu para a formação de pessoas que passam a valorizar seu entorno, suas atividades, suas vidas, tornando-se cidadãos que hoje podem contribuir de forma positiva na sociedade.

Passando a refletir sobre as perspectivas de desenvolvimento que os estudantes tinham a respeito da localidade/município em que estavam e estão inseridos, e sobre a permanência deles no local. A maioria dos jovens do curso pretende continuar desenvolvendo atividades em suas UFP. “Não vou sair daqui nunca”, como fala a produtora de frangos orgânicos. Ela diz que não se vê morando em outro local que não seja o campo, onde “sempre tem algo para se fazer, uma coisa aqui, outra lá, tem alternativas”. A jovem na busca incansável pelo ensino superior menciona, além do laço familiar, os “bens” como água de qualidade, ar puro e saudável e a calma que só municípios rurais como Santa Rosa de Lima podem oferecer. Em outros depoimentos, percebeu-se que com o passar do curso passa a haver a valorização do município – antes visto como lugar em que não existem oportunidades de crescimento e desenvolvimento e do qual os jovens deveriam sair. Novos pensamentos são construídos em relação à cidade e ao campo, assim como em relação às oportunidades geradas a partir dele, fazendo com que o jovem possa optar por construir seus projetos de vida no meio rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a experiência de interiorização do curso de Educação do Campo da UFSC em um pequeno município rural de Santa Catarina, tendo a turma sido composta, em sua grande maioria, por jovens oriundos do meio rural de Santa Rosa de Lima e municípios próximos. No primeiro momento do trabalho, foi realizada uma discussão sobre como foi constituída a Licenciatura em Educação no Brasil e como se deu a sua chegada à Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e, depois, o processo de interiorização, que aconteceu a partir da Turma 3, em 2011.

Tal interiorização com a Turma 4 – Encostas da Serra Geral – teve, para os jovens de Santa Rosa de Lima e região, papel importante na permanência no e para a valorização do meio onde vivem. A partir da constituição da Turma, outro olhar sobre a escola e o seu entorno essencialmente rural passou a ser construído. Uma visão crítica e construtiva contribui para superar a ideia de que somente na “cidade grande” há oportunidades e desenvolvimento.

Os jovens que formam a turma interiorizada Encosta da Serra Geral da EduCampo UFSC optaram pelo curso em sua maioria pelo fato de ser uma Universidade Federal presente em seu município, o que permitia a eles adquirir conhecimentos e, ao mesmo tempo, não se distanciar de suas Unidades Familiares de Produção. Afinal, é dessas UFP nas quais eles contribuem para a composição da renda, que vem o sustento deles. Ser e atuar como professor não foi, no primeiro momento, o mais importante para que eles escolhessem fazer o curso. Até porque muitos daqueles que nele ingressaram afirmam que não conheciam suficientemente o curso e seu funcionamento. Frente a algo totalmente novo, resolveram “arriscar”.

Um curso de nível superior em um município rural é visto como uma oportunidade de inserção em uma universidade pública federal, com grande visibilidade perante a sociedade. Este foi um fator importante para o ingresso no curso, que se somou à possibilidade de compatibilizar, pelo menos em um primeiro momento, a formação com as exigências e ritmos das Unidades Familiares de Produção. A formação e estrutura do curso passam a ser conhecidos no decorrer das aulas e

discussões realizadas, fazendo com que alguns desistissem pela falta de identificação com os propósitos do curso (formação para a docência). Outros persistem na EduCampo UFSC, mesmo não querendo atuar na docência em Ciências da Natureza e Matemática. De fato, ser professor de Ciências da Natureza e Matemática faz parte dos objetivos de apenas uma parcela dos estudantes. Muitos pretendem dar continuidade às atividades nas UFP dos pais ou nas suas próprias.

Dois depoimentos indicam que, em certos momentos, o curso pareceu aos estudantes estar distante da realidade do campo e das lutas sociais a ele pertinentes, mas que, com o passar do tempo, dos debates e da participação em eventos ligados à Educação do Campo, tal ligação foi percebida. O resultado é que os estudantes passaram a conhecer melhor e a valorizar o lugar onde vivem (campo), ampliando a visão de sociedade e repensando o papel que desempenham e podem desempenhar no campo.

Já no quesito do desenvolvimento curricular do curso todos os entrevistados apontaram a falta de fundamentos, especificamente nas disciplinas de Biologia, Física, Química e Matemática. Destacaram que ao chegar aos estágios e até mesmo nas escolas, que exigem esses conteúdos, a dificuldade aparece e é necessário, sozinhos, ir buscá-los. Contrapondo essa dificuldade, avaliam que o ponto positivo foram as abordagens diferenciadas que foram trabalhadas no decorrer do curso: novos métodos para “entrar em sala de aula”, para conhecer as realidades dos educandos e educandas e valorizá-las nas aulas, como também para pensar e praticar a interdisciplinaridade em sala de aula.

Os jovens entrevistados ingressaram no curso para “realizar o sonho de ser professora” ou pela oportunidade de “adquirir conhecimentos para a vida”, entre outros. Jovens depoentes declararam ter se descoberto para o exercício da profissão docente ao longo do curso. É importante ainda destacar que, quase de forma uníssona, foi apontada uma identificação com as questões do campo, suas lutas, organizações, mudança de rumos e defesa da agroecologia.

A partir disso pode-se inferir que a EduCampo UFSC contribui para que seus egressos fortaleçam a opção de permanecer no campo, ressaltando que, dos jovens da turma Encostas da Serra Geral, a maioria pretende, em um primeiro

momento, mobilizar os conhecimentos para continuar atuando em suas UFP.

Outra dificuldade apontada ocorre no último semestre do curso: o acúmulo que resulta da simultaneidade entre o trabalho de conclusão de curso (TCC) e o estágio no ensino médio. Trata-se de uma sobrecarga de tarefas, já que elas devem ser bem executadas num período curto de tempo. O resultado é que alguns estudantes acabam priorizando uma delas, restando pouco tempo para a outra. Repensar essa proposta de duas atividades importantes em um só semestre é uma ideia decorrente das entrevistas com os jovens. Indica-se que para o último semestre fique somente o TCC.

Por muitas vezes, a autora se questionou sobre o que teria feito ou se tornado se o curso de Educação do Campo não tivesse sido oferecido e realizado em Santa Rosa de Lima. Os depoimentos dos entrevistados indicam que a EduCampo UFSC por mais que tenha suas dificuldades e seus desafios a serem superados, formou muito além de professores – que podem vir, ou não, a lecionar. Contribuiu para que fossem constituídos jovens com conhecimentos que permitem a eles melhor compreender a realidade onde vivem e transformá-la para melhor. Fez com que esses jovens deixassem de ter um pensamento ingênuo a respeito de determinados aspectos da sociedade e, mais do que isso, que se tornassem críticos e participativos no meio onde vivem. Esse foi um papel muito importante do curso, formar pessoas melhor qualificadas, tanto como pessoas como atores sociais.

Dizendo de outra forma, o curso veio para o meio rural trazendo perspectiva de vida e de qualificação para o jovem que aqui reside e, permitiu torná-lo capaz de modificar, com novas propostas, também, o meio onde vive. Os resultados da pesquisa indicam que esses objetivos foram alcançados.

O projeto Político Pedagógico do curso de Educação do Campo foi outro ponto trabalhado no decorrer das discussões, com ênfase na alternância e nos tempos comunidade e universidade. Esse funcionamento permitiu que os jovens continuassem a desenvolver suas atividades nas UFP ou fora delas, de onde tiravam seu sustento, conciliando-as com os estudos. Em certos momentos, os estudos ganharam preferência devido ao volume de trabalhos que deveriam ser preparados e entregues, fazendo com que as atividades produtivas ou de

trabalho se acumulassem. Ao mesmo tempo, a alternância permitiu que os estudantes conhecessem mais a fundo a “comunidade” /município/território, assim como a escola na qual estiveram inseridos no decorrer do curso. Passaram, com isso, a valorizar os conhecimentos locais e o trabalho dos professores.

Destaque-se, ao final, que se avalia que o Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Turma Encostas da Serra Geral, formou jovens cidadãos bem melhores, construiu em cada um dos vinte e três estudantes, que em agosto de 2016 finalizam o curso, uma ideia bem melhor, bem mais crítica e construtiva do que é ser jovem em seu município rural e no mundo. Essa ideia fica muito evidente nos depoimentos dos estudantes entrevistados, acrescida da formação que receberam não somente nas aulas, nas vivências, nos estágios, mas na construção de um melhor “eu”, com a contribuição do professor coordenador da turma. O papel desse coordenador – presente, acompanhando direta e cotidianamente a os estudantes e o grupo que formaram – contribuiu também para constituição e a estabilidade da turma, no sentido da permanência de um número importante deles.

Por último, considera-se que os resultados dessa pesquisa podem auxiliar nas reflexões sobre as opções que foram feitas, ao longo do tempo, na oferta e organização do curso de Educação do Campo, assim como indicam a possibilidade de interiorização e de estruturação de novas turmas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Fernanda dos Santos. **Educação do Campo e a formação de professores: construção de uma política educacional para o campo brasileiro**. Universidad Del Mar (Udelmar): Chile, 2011.

ARROYO, Miguel González. A educação básica e o movimento social do campo. In: FERNANDES, Bernardo Maçano. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto Nº 7.352, de 4 de Novembro de 2010**: Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>. Acesso em: 05 jul. 2016.

BRASIL. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**: 36/2001. 04.12.2001. MEC/CNE. Brasília, D.F, 2003.

CALDART, Roseli Salete. Licenciatura em Educação do Campo e processo formativo: qual o lugar da docência por área? In: MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão (Orgs.). **Licenciaturas em Educação do Campo: Registros e Reflexões a partir das Experiências Piloto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 95-121. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 5).

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA, F. C.; SANTOS, R.; COSTA, L.F. (Org.) Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campos, 1998. In: CASTRO, Elisa Guaraná de et al. **Os jovens estão indo embora?** : juventude rural e a construção de um ator político Rio de Janeiro : Mauad X ; Seropédica, RJ :

EDUR, 2009.

COSTA, Eliane Miranda. **A Formação do Educador do Campo:** um estudo a partir do Procampo. Universidade do Estado do Pará. Belém, Pará, 2012.

FERNANDES, Bernardo Mançano; CERIOLI, Paulo , CALDART, Roseli Salete. Primeira Conferência Nacional “Por Uma Educação Básica do Campo” (texto preparatório). In: ARROYO, Miguel Gonzalez, CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do Campo.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Pp.19-62.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2000.

HANFF, Beatriz Bittencourt Collere. **Entrevista** realizada com a Ex-Coordenadora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo de 2008 – 2013, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 20 de abril de 2016. Email recebido.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=421560&search=santa-catarina|santa-rosa-de-lima>. Acesso em 07 de junho de 2016, as 13h00horas.

JOVEM NA BUSCA INCANSÁVEL PELO ENSINO SUPERIOR.

Entrevista realizada com a estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, turma de Santa Rosa de Lima- Encostas da Serra – Santa Catarina. Santa Rosa de Lima. (Data da entrevista, dia, mês e ano)

JOVEM PRODUTORA DE FRANGOS ORGÂNICOS. **Entrevista**

realizada com a estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, turma de Santa Rosa de Lima- Encostas da Serra – Santa Catarina. Santa Rosa de Lima, 13 de maio de 2016.

JOVEM QUE PASSA A SE RECONHECER COMO SUJEITO DO

CAMPO. **Entrevista** realizada com o estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, turma de Santa Rosa de Lima- Encostas da

Serra – Santa Catarina. Santa Rosa de Lima, 07 de junho de 2016

JOVEM QUE TRABALHA NA PCH. **Entrevista** realizada com a estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal de Santa Catarina, turma de Santa Rosa de Lima- Encostas da Serra – Santa Catarina. Santa Rosa de Lima, 13 de maio de 2016.

MOLINA, Mônica; FREITAS, Helana Célia de Abreu (Orgs.). Educação do Campo. **Em Aberto**, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011.

MUNARIM, Antonio. Educação do Campo: desafios teóricos e práticos. In: MUNARIM, Antonio, BELTRAME, Sonia, CONDE, Soraya Franzoni, PEIXER, Zilma Isabel (Orgs.) **Educação do Campo**: reflexões e perspectivas. Florianópolis: Insular, 2010. pp.9-18.

MUNARIM, Antonio. Lances de memória acerca da implantação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFSC. Florianópolis. Set. 2015. **Notas prévias** (Depoimento, para o Projeto de Extensão “Registros da história da criação, implantação e dos primeiros anos da Licenciatura em Educação do Campo da UFSC. pp. 1-4. Mimeografado.

OLIVEIRA, Angela Francisca Mendez de, **Cultura de Travesseiro. Educação como Reprodução da Sociedade** (2010) Disponível em: <http://culturadetravesseiro.blogspot.com.br/2010/12/educacao-como-reproducao-da-sociedade.html>. Acesso em 26/06/2016 as 18:26.

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira**. Universidade Federal do Pará (UFPA) Disponível em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/289.pdf Acesso em: 30 maio 2011 as 23h30min horas

SCHMIDT, Wilson. **Entrevista** realizada com o Ex-Coordenador da turma de Santa Rosa de Lima – Encostas da Serra – Santa Catarina – do Curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 27 de março de 2016. Email recebido.

SILVA, Ataíze Mota. **Formação de professores: desafios à Educação do Campo** Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal- RN.- UFRN, 2008.

UFSC - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.
Centro de Ciências da Educação. Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Área Ciências da Natureza e Matemática: **Projeto Político Pedagógico**. Florianópolis, 2009.

Zago, Nadir. **Do acesso à permanência no ensino superior:** percursos de estudantes universitários de percursos de estudantes universitários de camadas populares. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2006.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS COM ESTUDANTES DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

- 1) Para um jovem do campo, qual o significado do acesso ao ensino superior?
- 2) Antes da oferta da EduCampo UFSC em Santa Rosa de Lima, você pensava em fazer Ensino Superior? (ou já tinha iniciado outro curso?)
- 3) Tinha uma opção clara por algum curso? Qual? Por quê?
- 4) Tinha uma opção clara por alguma Instituição de Ensino Superior? Qual? Por quê?
- 5) O que sabia sobre a Licenciatura em Educação do Campo? [Características gerais desse curso, no Brasil]
- 6) O que sabia sobre a Licenciatura em Educação do Campo que foi oferecida pela UFSC em Santa Rosa de Lima? [Características específicas do Curso da UFSC, por exemplo, ênfase em Ciências da Natureza e Matemática, adoção da Pedagogia da Alternância, horário de funcionamento]
- 7) Qual o motivo que o levou a fazer o vestibular?
- 8) Quais foram as condições para o seu acesso para a EduCampo UFSC?
- 9) Como avalia o vestibular diferenciado? A realização do vestibular no município foi importante?
- 10) O que fez com que a permanência fosse possível?
- 11) Sentiu-se bem acolhido?
- 12) Considerou o ambiente acadêmico do curso compatível com o seu modo de vida e de encarar o mundo?
- 13) Considerou o funcionamento do Curso compatível com sua vida pessoal e profissional (agrícola ou não agrícola) de jovem rural? Como? Por quê?
- 14) O que no Curso mais trouxe segurança para você? O que no Curso trouxe mais insegurança e instabilidade para você? Quais foram as maiores dificuldades?
- 15) Quais foram os seus pontos fortes?
- 16) Pensou em abandonar o curso? Em que momento(s)? Por que não abandonou?
- 17) Ao finalizar a EduCampo, como você a vê para a formação para a docência em Ciências da Natureza e

Matemática, para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, em escolas do campo?

- 18) Ao finalizar a EduCampo, como você a vê a formação para o acesso a conhecimentos que permitem aprimorar suas unidades de produção e suas atividades (agrícolas e não agrícolas) no campo?
- 19) Você avalia que o curso teve alguma influência na sua atual forma de ver o campo e o município em que você mora? Por quê? Como?
- 20) Você avalia que o curso teve alguma influência na sua atual forma de ver a agricultura familiar? Por quê? Como?
- 21) Hoje, como se vê: Antes do curso? Durante o curso, como estudante? E agora, nessa transição da reta final.
- 22) Para você que contribuições o curso trouxe para a sua vida?
- 23) Especificamente o que pretende fazer depois do término do curso?
- 24) Como você se vê daqui a cinco anos do ponto de vista de atividade profissional?
- 25) Daqui a cinco anos você pensa que continuará vivendo em seu município? Por quê?